

responsabilidades e formas de colaboração na paróquia ou aos actores e às estruturas da pastoral; vem aí a propósito um item sobre o lugar e o papel respectivos dos presbíteros, dos diáconos e dos leigos, incluindo os instituídos em ministérios; no referente às estruturas, analisam-se os conselhos pastorais da paróquia e os de sector, as equipas de animação pastoral e outras. Num último apartado o autor trata da pastoral sacramental e da proposição da fé.

A segunda parte do livro apresenta a reflexão de D. Barnerias sobre uma série de experiências realizadas, na linha das orientações sinodais atrás referidas, em diversas paróquias: sinodalidade, comunidade, corresponsabilidade, vivência do domingo, liturgia, etc., encerrando com algumas pistas novas para a pastoral sacramental e a evangelização.

A terceira parte começa pela valorização e pela proposta de uma atitude fundamental (entre outras possíveis), que é a daquilo que Bernerias chama a «apropriação» da paróquia pelos paroquianos: não basta estar no território e aí pedir serviços à paróquia; é preciso que os (verdadeiros) paroquianos se apropriem dela, no sentido de a assumirem como a sua paróquia para todos os efeitos, incluindo a sua corresponsabilidade activa nela. Um particular e muito interessante apartado é dedicado ao cristianismo como estilo e ao estilo paroquial com ele ligado. Começando por uma reflexão teológica sobre este aspecto (relação entre Jesus e os seus, o estilo como «metamorfose do mundo», enfim, uma teologia do estilo), propõe então para a paróquia o primado da relação, o estar em aprendizagem e o dar lugar à diversidade na unidade. A última proposta é, globalmente, a de um novo rosto para a paróquia. Cabem aí pistas para um novo estilo pastoral e missio-

nário: nova evangelização, proposição da fé, pastoral de gestação. Na linha da conhecida *Lettre aux catholiques de France*, pistas também para a celebração da eucaristia dominical, para a formação cristã e para o serviço dos irmãos e a experiência da caridade. A última reflexão e as últimas sugestões orientam-se para a necessidade de repensar a ministerialidade: fundar, articular, alargar os serviços e ministérios laicais; o lugar do ministério ordenado na sinfonia dos ministérios; não separação de ministerialidade e sinodalidade.

Como ficou dito no princípio, neste tempo em que se fala do «fim da civilização paroquial», em que, em muitos aspectos e em múltiplas linhas da vida paroquial, se torna imperioso e mesmo inevitável buscar e instituir novas formas de responder às necessidades e exigências da vida dos fiéis e dos que são chamados a sê-lo, este livro oferece um excelente contributo de análise, de reflexão teológica e de pistas de acção para quantos – bispos, párocos e outros agentes da pastoral – andam à procura de saber como responder a esta nova situação das paróquias.

PEDRO DE VILA-NOVA

CHARENTENAY, Pierre de, **Le dilemme du chartreux. Médias et Église**, Desclée de Brouwer, Paris, 2011, 236 p., 210 x 135, ISBN 978-2-220-06266-2.

Não se trata de um livro de espiritualidade. O título, alias bem encontrado, é metafórico. O dilema de que se trata põe-se hoje a todo o cristão: como pode ele viver cristãmente no seio da cultura mediática que está aí? Terá de fugir dele e fazer-se cartuxo ou monge de outra forma qualquer? Ou deverá assumir com realismo esse mesmo mundo e comprometer-se nele

com a sua fé e o seu dinamismo evangélico e evangelizador?

Que se trate do «quarto poder» (em referência aos três poderes clássicos) ou que seja mesmo já mais do que isso, os *mass media* detêm efectivamente um enorme poder. Usado frequentemente contra o cristianismo e a Igreja e contra outras religiões e a religião em si mesma e gerando, por isso, não raro, uma desconfiança e mesmo uma agressividade de sentido contrário entre os crentes. Um poder que substitui o que, em outros tempos, era exercido pela(s) religião(ões): eles são hoje os grandes modeladores da cultura: ditam os valores e o sentido da vida, fornecem os modelos e as regras de viver que as pessoas seguem e que outrora recebiam da família e da paróquia. O autor analisa esta problemática no primeiro capítulo.

O segundo capítulo detém-se concretamente sobre o plano dos valores, caricaturados pelas posições de um lado e do outro como representando respectivamente a tradição (vista como ultrapassada) e a modernidade (que é o que conta). No juízo de Charentenay não se trata, porém, necessariamente de oposição. Mesmo do lado da religião, esta pode aprender bastante com a imagem que dela passa nos *media*. No terceiro capítulo Charentenay mostra as deformações que os *media* operam, com especial consideração das que opera em relação às religiões, com a histeria que os leva, inclusivamente, a dar relevo sistemático a alguns factos e a certas personagens.

No quarto, é a vez de apresentar o modo como a Igreja utiliza ela mesma, com a sua estratégia própria, esses meios de massa. O quinto capítulo procura observar como os *media* põem em destaque as fraquezas da Igreja, pondo de manifesto erros e inconsequências como, p. ex., as manifestações de tradicionalismo e inte-

grismo ou os casos de pedofilia e as lentas reacções da Igreja. Um capítulo à parte é dedicado às caricaturas e ao humor satírico com que certos *media*, fazendo valer velhos preconceitos e correntes de pensamento e de acção, com destaque para o anticlericalismo, procuram corroer a Igreja, com uma agressividade e violência maiores ainda que as do Séc. XIX. O último capítulo acabará por colocar expressamente o referido dilema do cartuxo: como pode o cristão viver a sua fé num contexto cultural assim, com este domínio e estas orientações das forças mediáticas? Isolar-se? Ou tentar comprometer-se no interior dele?

Como se vê, este é um livro que interessa, e muito, a todos os crentes, mas especialmente aos agentes da pastoral que queiram operar com realismo num contexto cultural e civilizacional que é o que nos toca neste tempo do nosso ser e do nosso agir na Igreja de Cristo.

Charentenay é jesuíta e director da prestigiada revista *Études*.

PEDRO DE VILA-NOVA

SAGRADA ESCRITURA

GALIZZI, Mario, **Evangelio según Marcos. Comentario exegetico-espiritual**, San Pablo, Madrid, 2007, 358 p., 215 x 145, ISBN: 978-84-285-3046-0.

Volume traduzido do original italiano (de 1993), é o 6.º da col. «Sicar – Biblia y Espiritualidad», que inclui títulos de reputados biblistas como Ugo Vanni e Klemens Stock, ambos do P. I. Bíblico de Roma. A divisão em duas «partes» principais – A: «Jesus é o Cristo» (1,14-8,30); B: «Messias sofredor e Filho de Deus» (8,31-16,8, seguido do «apêndice canónico: 16,9-20) – é complementada pela introdução geral «Marcos,